



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Eunápolis – BA

ISSN 2179-2984

FUNÇÕES DO CONECTOR *MAS* NA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DE UMA ELOCUÇÃO FORMAL

Bougleux Bonjardim da Silva Carmo* - e-mail: bougleuxcpmatnre7@gmail.com.

*Docente de Língua Portuguesa do Colégio da Polícia Militar Anísio Teixeira - CPM / SEC. Doutorando em Estado e Sociedade – PPGES / UFSB e Mestre em Letras - UESC / Profletras.

Resumo. O presente artigo descreve a multifuncionalidade do conector discursivo *mas* em construções contra-argumentativas como elemento partícipe da organização tópica no texto oral formal. Para tanto, adota-se a categoria analítica do tópico discursivo e os conceitos relativos às construções contra-argumentativas. Com isso, realizou-se uma análise descritiva e qualitativa de 29 ocorrências em uma elocução formal, oriunda do Projeto Norma Culta Urbana, do Rio de Janeiro, *corpus* desta pesquisa. Como resultado, demonstra-se a presença do conector *mas* marcando uma diversidade de sentidos, nos quais envolvem-se elementos semânticos, pragmáticos, argumentativos e inferenciais que participam na articulação dos segmentos tópicos. Igualmente, destaca-se o ato contraargumentativo, em seus diversos graus de manifestação, na segmentação tópica ou episódica com funções no contínuo oral-escrito.

Palavras-Chave: tópico discursivo; elocução formal; argumentação; conectores; *mas*.

FUNCTIONS OF THE CONNECTIVE *BUT* IN THE TOPICAL ORGANIZATION OF FORMAL UTTERANCE

Abstract. This paper describes the multifunctionality of the discursive connector *but* in constructions with opposite argumentation as element of the topical organization in oral text. From the concepts of discursive topic and the contrast constructions, we did a descriptive and qualitative analysis of 29 occurrences in a formal utterance, from the Project Urban Formal Standard, Rio de Janeiro. Therefore, these occurrences compose the *corpus* of this work. As result, it has demonstrated the diversity of meaning regarding to use of this connector. In addition, it shows the semantic, pragmatic, argumentative and inferential elements in the articulation of the segments. So, we show the anti-oriented

argumentation as a discursive act, with its different degrees of manifestation, and as a part of the topical and episodic segmentation with functions in the oral-written *continuum*.

Keywords: discursive topic; formal utterance; argumentation; connectives; but.

1. INTRODUÇÃO

A conjunção *mas* apresenta, consoante os estudos da Semântica Argumentativa, funções textuais e discursivas que se desvelam em diversificados movimentos polifônicos, em virtude do princípio da argumentatividade inerente à língua (ANSCOMBRE, DUCROT, 1994; VOGT, 1980; WELP, 2005). Pesquisas em Pragmática Linguística caracterizam as funções do referido conector, cognitiva e interacionalmente, no subconjunto de marcadores discursivos chamados de contraargumentativos (ALOMBA RIBEIRO, 2005; PORTOLÉS, 2001; RISSO; SILVA; URBANO, 2002).

No entanto, permanece incipiente o quantitativo de pesquisas que investigam as funções do *mas* na oralidade (CASTILHO, 2004; NESELLO, 2009; SELLA, 2008; URBANO, 1999). Em razão disso, determina-se a problemática desta pesquisa, a saber: qual o papel da contra-argumentatividade na organização tópica na oralidade? Com efeito, não há clareza, por exemplo, se o conector em estudo apresenta, no texto falado, as mesmas funções determinadas na literatura para os textos escritos e quais seriam elas. Portanto, visando a contribuição com esse conjunto de estudos, que se debruça sobre a língua falada e a articulação tópica com marcadores discursivos, é que seleciona-se a elocução formal, texto monológico do Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana (Projeto NURC), na condição de *corpus* de pesquisa da manifestação da contraargumentação.

Além disso, assume-se a noção de tópico discursivo como categoria de análise e o texto num contínuo tipológico entre o escrito e o oral, no qual elementos estruturais, inferenciais, pragmáticos e textuais corroboram na construção de sentidos e na interação enunciativa (JUBRAN et al., 2002; JUBRAN, 2006; PENHAVEL, 2011).

Diante esses pressupostos, o objetivo central desse artigo é descrever as nuances semânticas, argumentativas e pragmáticas assinaladas pelo conector *mas*, notadamente, sua multifuncionalidade na articulação de construções discursivas contra-argumentativas em uma elocução formal. A partir disso, caracteriza-se a contra-argumentação em meio as estratégias de articulação tópica e verificação do alcance das classificações apresentadas na literatura.

Este trabalho justifica-se, em princípio, pela importância da pesquisa relativa à articulação tópica, consoante o estatuto dos marcadores discursivos enquanto fenômeno fundamental para compreensão da linguagem, do uso social que dela fazemos e, por fim, pelo desvelamento das estratégias que dispomos para nos posicionamos argumentativamente na construção do discurso.

A Organização Tópica do Texto

Adotar o tópico discursivo enquanto categoria de análise pressupõe a compreender o texto numa simultaneidade de fatores estruturais, pragmáticos, inferenciais e interacionais para sua concepção e formulação (JUBRAN et al., 2002; PINHEIRO,

2006). A Gramática Textual-Interativa define essa categoria na condição de processo, no qual se envolvem diversos componentes da interação manifestados na enunciação, além de apresentar propriedades que corroboram para sua caracterização e delimitação (JUBRAN et al., 2002; JUBRAN, 2006). Nesse âmbito, o aspecto temático ou os objetos do discurso são “considerados e manifestados como o assunto sobre o qual o discurso se porta” (PINHEIRO, 2006, p. 44). Trata-se, em suma, de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, relevantes e concernentes entre si que, por sua vez, orientam o sentido do tópico enunciativamente construído (JUBRAN et al., 2002).

Sob essa ótica, as propriedades definidoras do tópico discursivo seriam a centração e a organicidade com seus respectivos traços estruturadores. Em virtude dos limites deste trabalho, reporta-se, pois, aos estudos de Fávero (2003), Jubran et al. (2002) e Jubran (2006) para detalhamento. Por conseguinte, é possível postular que a elocução formal, apesar de ser um gênero textual monológico, a estrutura linguística, a construção argumentativa, os elementos contextuais e inferenciais sinalizam, no plano textual, uma interlocução seja o interlocutor real, potencial ou virtual e em diferentes graus de proeminência. Dessa forma, o tópico se constrói e se projeta considerando esses fatores subjacentes.

O ato contra-argumentativo e um conector multifuncional

A contra-argumentatividade é definida no entrelaçamento de diversos elementos intervenientes na constituição dos enunciados e, com isso, marca-se em diferentes funções, quais sejam: contraste, oposição, atenuação, eliminação, comparação, exclusão, compensação e/ou confronto entre os elementos articulados. Sendo um ato interativo, caracteriza-se por um movimento argumentativo completo (ALOMBA RIBEIRO, 2005).

Além disso, no conjunto dos marcadores discursivos, há um grupo de unidades que sinalizam semântica e pragmaticamente instruções argumentativas profundas (PORTOLÉS, 2001). Assim, nesse grupo, há um subconjunto de conectores, chamado de contra-argumentativos, no qual se insere o *mas* que, por sua vez, é um componente prototípico portador de uma multifuncionalidade acentuada, além de funcionar como introdutor de argumentos mais fortes ou anulador das inferências esperadas constituindo-se, dessa maneira, num conector antiorientado (ALOMBA RIBEIRO, 2005; MONTOLÍO, 2011).

Tal antiorientação enunciativa é ilustrada por Anscombe e Ducrot (1994), conforme o esquema lógico, assim posto: enunciar A, *mas* B supõe, portanto, apresentarse A como um argumento para uma conclusão C e apresentar B como um argumento contrário a C (não-C). Em decorrência desse estatuto, mostra-se B com mais força argumentativa a favor de não-C do que tem A a favor de C. Em suma, numa sequência “A, *mas* B” manifesta-se, pois, uma hierarquia argumentativa a favor da não-C, isto é, da conclusão inversa. Nessas condições, a antiorientação não se dá somente entre proposições, mas também entre as conclusões esperadas por cada uma (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994).

Nesse movimento polifônico, no qual um dos interlocutores aceita um determinado argumento, porém introduz um novo membro discursivo que invalida as inferências esperadas pelo primeiro, altera-se a direção argumentativa e, com isso, as conclusões esperadas (ALOMBA RIBEIRO, 2005). Essa polifonia marca-se, por conseguinte, mediante diversas funções, de acordo Alomba Ribeiro (2005): as funções de compensação, comparação, descompensação, inclusão, interativa conversacional, objeção, função

pragmática, superação e justificativa, além da função adversativa prototípica descrita na gramática tradicional (BECHARA, 1999).

Mais ainda, do ponto de vista estrutural e semântico-argumentativo, apresentam-se duas possibilidades de interpretação da conexão com *mas*: o *mas*PA, que introduz um argumento antiorientado inferencialmente, e o *mas*SN retificador, presente em proposições negativas (VOGT, 1980; WELP, 2005).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho tem caráter exploratório, descritivo e qualitativo. A análise apoia-se empiricamente em *corpus* de língua falada. Para tanto, foram adotadas a categoria *tópico discursivo* (JUBRAN, 2006), a noção de segmentação tópica (PENHAVEL, 2011) ou episódica (DIJK, 2008) e as classificações das funções do *mas* presentes em Alomba Ribeiro (2005), Neves (2000) e Vogt (1980).

A partir dessas categorias, foram destacadas as ocorrências no discurso oral com a determinação dos Segmentos Tópicos - SegT ou episódios, terminologias tomadas como sinônimas, do ponto de vista cognitivo-textual (DIJK, 2008; PENHAVEL, 2011). Finalmente, a descrição de cada SegT apoiou-se nas classificações dos (as) pesquisadores (as) acima mencionados (as).

Para tanto, o referido *corpus* se constituiu de uma elocução formal¹ (EF), nos termos de Jubran (1996), a saber: o inquérito 356 do Projeto Norma Urbana Culta (NURC-RJ) que tem por Tópico Discursivo a criatividade e redação no nível superior de ensino. Essa EF tem duração de aproximadamente 40 minutos, data de registro de 03 de maio de 1977, na qual a informante é do sexo feminino, 30 anos, com formação universitária em Letras, carioca, de pais cariocas e residente da Zona Sul da capital, conforme os dados da etiquetagem.

Na EF, então, foram encontradas 29 ocorrências do *mas* em 22 segmentos tópicos - SegT / episódios. No texto transcrito, presente na *homepage* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, não há a numeração de linhas. Por isso, cada ato contra-argumentativo foi isolado para ser analisado e descrito. Em seguida, os “blocos” foram numerados de acordo a ordem de ocorrência e agrupados pela semelhança de funções e, pela análise, foi possível a subdivisão de um SegT em SegT mínimos quando necessário.

Tendo em conta que, do ponto de vista global de sua composição, a EF pode ser considerada um único enunciado, a segmentação tópica torna-se passível de ser determinada (FÁVERO, 2003; JUBRAN, 1996). Daí, a delimitação com base na pontualização do ato contra-argumentativo e na posição mediadora do conector em estudo na construção sintática (ALOMBA RIBEIRO, 2005; WELP, 2005).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹ Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ, Listagem dos inquéritos que contém áudio já armazenados no sítio. Elocuções Formais: *Corpus* de língua falada. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/corpora/ef/ef_356.htm>. Acesso em: 26 fev. 2017.

O tópico discursivo que desenvolve o *corpus* diz respeito à análise de problemas de redação, à criatividade na expressão linguística e questões sobre metodologia do ensino. Nesse caso, discorre-se sobre o ensino de língua portuguesa nas universidades e nas escolas. Assim, no primeiro episódio comenta-se sobre o aspectos da oralidade:

(1) [SegT1] julgamos que para o desenvolvimento pleno da expressão oral... seriam necessários... em nível superior... cursos específicos de arte dramática... visando ao teatro... e de retórica... campo fértil e interessante sem dúvida... mas que foge um pouco aos nossos interesses imediatos...

Como se mostra no SegT1 em (1), o conector apresenta sua função prototípica adversativa, anulando a inferência do primeiro SegT mínimo, pois pressupõe-se que cursos específicos de teatro e retórica demandam tempo e, portanto, não atendem aos interesses imediatos de melhora da escrita e da oralidade. Sob esse prisma, o dito no enunciado introduzido pelo *mas* anula a pressuposição do primeiro. Na sequência da EF, no SegT2, discute-se sobre a importância da análise de materiais didáticos para o ensino:

(2) [SegT2] - .eu parti da análise... eu fiz a análise de mais ou menos:... vinte e cinco livros didáticos... mas também utilizei os resultados... que saíram... numa reportagem do Jornal do Brasil...

Nessa segunda ocorrência, o conector apresenta *função aditiva*, tal qual apresentada na literatura (NEVES, 2000; ALOMBA RIBEIRO, 2005). Com efeito, o conector “mas também”, que introduz os três enunciados destacados por pausas e formam o segundo SegT mínimo, não invalida o primeiro segmento, tão somente acrescenta nova informação. A gramática tradicional, em Cunha e Cintra (2008), já registra essa função verificada, ainda, as ocorrências (3) a (5) destacadas a seguir. Não obstante, no SegT8 em (4) é claramente aditiva; no SegT6 em (3) não há a locução, porém a função é aditiva. As funções se efetivam em termos de vínculos semânticos, lógicos, pragmáticos e inferenciais nem sempre expressos linguisticamente, como em (3), ou mesmo deslocadas, como no SegT9 em (5). Nestes episódios, a referência diz respeito à presença de obras literárias nos livros didáticos de língua portuguesa:

(3) [SegT6] - davam-se informações não só de literatura... mas da realidade brasileira... ao introduzir um texto de Graciliano Ramos...

(4) [SegT8] - ela parte da comunicação em geral... ela parte... do código... lingüístico mas também... focaliza outros meios de comunicação que não sejam... o da linguagem articulada...

(5) [SegT9] - diversas modalidades... de... linguagem... bom... mas ao lado deste bom livro de Maria Helena Silveira... há também o da Ada Rodrigues que é muito bom... aparecem livros... deste tipo... os livros... são muito coloridos... eles são muito... Atrativos...

Interessante notar que no SegT9, em (5), ainda é possível destacar que a inserção de um enunciado contra-argumentativo, a partir de uma estratégia de formulação sinalizado pelo marcador “bom”, antes do conector, pode indicar a abertura de tópico (CASTILHO, 2004; URBANO, 1999). No texto dialogado ou conversacional é comum a *função de*

abertura de turno ou tópico, pois trata-se de uma função ratificada na literatura, dentre os aspectos basicamente interacionais do *mas* (CASTILHO, 2004; URBANO, 1999; NEVES, 2000; ALOMBA RIBEIRO, 2005).

No SegT3 em (6), o conector introduz uma *restrição*: “ele mostra que houve uma troca” e, em seguida, expressa linguisticamente a inferência desse SegT mínimo. De fato, a locutora discute a inserção de pessoas vinculadas às mídias e literatos nos livros didáticos, não obstante apresente um ponto negativo dessa inserção que não conduz à leitura das obras em si, senão às versões sobre os autores. Neves (2000) assim expressa essa função: *marcação de restrição* com acréscimo de informação do que acaba de ser enunciado, portanto: {P} → mas {Q + elemento restritivo}:

(6) [SegT3] - e eu particularmente sou a favor... da inserção de meios de comunicação de massa na divulgação do ensino do idioma... mas ele mostra que houve uma troca... em vez... de se estudarem os autores literários pela literatura em si... se estuda um autor literário a partir dos meios de comunicação de massa...

O episódio posto em (7) pode ser analisado do ponto de vista semânticoargumentativo (VOGT, 1980). Nessa ocorrência, há a primeira superposição de atos contra-argumentativos. As justificativas apresentadas pela locutora são distribuídas argumentativamente, da mais fraca a mais forte, pelo conector:

(7) [SegT4] - então o ensino se mostrava totalmente inoperante... os textos eram... escolhidos sobretudo ATÉ Camilo Castello Branco... ou seja... Camões... Dom Dinis... Almeida Garrett... e... até Camilo Castello Branco se ia... até Olavo Bilac se ia... mas depois disso não havia mais citações de texto... não é que eu tenha nada contra... contra Camões... ao contrário... não tenho nada contra Camilo Castello Branco... mas eu acho que no primeiro e no segundo graus... o... aluno ainda não tem a capacidade e a maturidade para entrar em contato com um texto deste tipo...

Ao desaprovar o uso de textos literários apenas para análise sintática, a locutora primeiramente enuncia os exemplos no SegT mínimo anteposto ao conector e introduz um enunciado que contraria sua expectativa, isto é, de haver outros usos dos textos para além da análise sintática. Nessa ocorrência, o *mas* marca função de *quebra de expectativa*, pois fica pressuposto que a locutora esperava que os textos fossem usados para outros objetivos. Essa função aproxima-se semanticamente da função *masPA* (VOGT, 1980).

Em seguida, no SegT10 mínimo, formulado após o primeiro ato contraargumentativo, mais uma vez um conector *mas* introduz novo enunciado opositivo. Objetando inferências, em princípio, que alguém poderia pressupor acerca da locutora não apreciar os autores citados ou, de outro modo, concordar que eles estejam presentes nos livros de língua portuguesa, há a introdução de um argumento retificador. Assim, alude-se ao não uso dos escritores mencionados no ensino secundário, tendo em vista a falta de maturidade dos (as) estudantes:

(8) [SegT10] - o alu/ o professor escolhe... o texto... porque o aluno... vai ficar satisfeito com aquele texto na medida em que ele conhece o Chico Anysio da televisão... mas nem sempre um trecho do Chico Anysio vai trazer... elementos estéticos ou elementos literários pertinentes à matéria a ser transmitida...

Essa *função retificadora* é apontada também por Vogt (1980) como *mas*SN e está presente no oitavo exemplo acima com base na seguinte inferência: “o fato de utilizar textos de personalidade conhecidas na mídia não pressupõe que tais textos tenham valor literário”.

Por sua vez, no episódio apresentado em (9), apresenta-se a *função de contraste* - positivo x negativo, ou vice-versa, (NEVES, 2000), no momento em que o tópico se constrói sobre a adequação ou não de determinado manual de ensino e sua respectiva metodologia:

(9) [SegT5] - "Manual de Português Para Terceira e Quarta Séries... do professor Celso Cunha... que... hoje em dia... já está antiquado... já não é mais dotado... mas na época... inovou bastante... a metodologia do ensino...ou seja ele trouxe citações de escritores modernistas... não só modernistas... havia uma mistura EQUILIBRADA entre Camões... Dom Dinis... Camilo Castelo Branco... Olavo Bilac... Carlos Drummond de Andrade... Fernando Pessoa... Fernando Sabino... Rubem Braga... Graciliano Ramos... etc... mas... esse manual também não funcionava ainda em termos estruturais...

Assim, articula-se o contraste entre as ideias de “manual que já está antiquado” x “manual que já inovou bastante”. O episódio ainda é construído com um segundo ato contra-argumentativo marcando a mesma função de contraste: “mistura equilibrada de autores” x “não funcionava em termos estruturais”. A presença da pausa após a segunda ocorrência do *mas* pode indicar um ou mais fatores, a saber: (i) a pausa prosódica tem relação com o planejamento *online* da oralidade; (ii) a locutora não tem certeza do que pretende enunciar em seguida e, portanto, busca na memória o conteúdo mais relevante (SPERBER; WILSON, 2001). Essa mesma *função contrastante* também está presente no SegT11, disposto no exemplo (10), no qual parece vigorar a articulação entre “aceitar a presença dos meios de comunicação em massa” *versus* “não ampliar demais”:

(10) [SegT11] - não adianta nós lutarmos contra os meios de comunicação de massa... porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós estaremos fora da realidade dos alunos... porque os... eles já entraram no aluno... não adianta afastar essa possibilidade... mas no momento em que nós ampliamos demais... né? nós corremos o risco... de dar informações deste tipo...

Mais uma vez, o contraste positivo x negativo se mostra profícuo, já que permite a articulação de argumentos contrários, como se mostra em (11) a (13). O peso do argumento introduzido por *mas* é endossado mediante SegT mínimos subsequentes e explicativos:

(11) [SegT13] - eu ainda teria muito a dizer... sobre... o... os livros didáticos que me parecem... éh... bons na intenção... mas bastante deficientes na realização... éh... o que me parece que fica... em geral... a crítica geral que se pode fazer é esta... há uma mistura de conceitos... lingüística e gramática normativa se misturam...

A referida função está bastante marcada nos segmentos abaixo:

(12) [SegT16] - "absolutamente nenhuma... a medida... está tendo o maior apoio no vestibular... nós somos responsáveis pelo vestibular... mas com o primeiro e segundo graus nós não temos nada... e nós não vamos mexer nesse sistema..."

(13) [SegT21] - ele continua a falar na gíria dele... no no... registro informal e... quando escreve alguma coisa... ele tem sempre medo... ele acha que aquilo não está correto e acaba cometendo mesmo... ultracorreções... ou seja... coloca formas que estão incorretas mas que ele pensa que estão corretas...

No exemplo do SegT7, em (14), o enunciado introduzido pelo conector expressa uma resposta à inferência: “se há outros livros para analisar, isso exigirá mais tempo”. Dessa forma, o *mas* sinaliza a importância da proposição subsequente, isto é, do que se precisa endossar, ratificando sua verdade. Nesse sentido, o conector marca sua *função de objeção* (ALOMBA RIBEIRO, 2005), como se vê:

(14) [SegT7] - eu ainda faço a análise de outros livros mas eu acho que eu iria... encomprar muito... eu ainda tenho aqui... vinte minutos e eu gostaria de chegar ao cerne da questão até o final do meu tempo.

No segmento (15), a seguir, há dois atos contra-argumentativos e ambos também marcam a *função de objeção* do argumento introduzido pelo conector:

(15) [SegT14] - ... e nós poderíamos inclusive convidar escritores... e pessoas interessadas no assunto para julgarem estas obras... isso motivaria o aluno a escrever... mas acontece que... nós não temos essas condições e o que eu sugiro no meu trabalho... e a minha conclusão é a de que ensinar é saber lidar com o possível... ou seja... eu não pretendo aqui... uma reforma estrutural... básica do sistema... porque esta é desejável mas... no momento impossível e improvável... o que eu desejaria

Importa destacar que a sobreposição de funções pode se efetivar em função da dinâmica da oralidade. A seguir, no primeiro SegT mínimo, a função adversativa prototípica está presente na relação *conceitos teóricos com nomenclatura sofisticada x conceitos mal empregados*. Considerando que as nuances de sentido variam em graus e podendo haver sobreposição de funções, não deixa de haver uma marcação de contraste positivo-negativo. Na segunda ocorrência deste episódio vigora, mais uma vez, o *mas*SN retificador, já que a locutora expõe

utilizar os conceitos e terminologias linguísticas não em si mesmos, porém buscando suas funcionalidades:

(16) [SegT12] - há uma série... de conceitos teóricos... que têm nomes bonitos e sofisticados... mas que... na hora de serem empregados... deixam muito a desejar... eu não digo que nós não devamos... éh... estudar linguística... não é esse o meu ponto de vista... eu acho... ao contrário... altamente pertinente -- estudei linguística nesta Faculdade e não faço outra coisa... durante a minha carreira... senão utilizar os conceitos de linguística -- mas não ... a linguística pela linguística... ou seja... né? o aluno... apenas operar com o que seja um sintagma... então... por que que é importante a noção de seqüência e a noção de sintagma?

Conforme Vogt (1980), o *mas* surge após enunciados negativos, substituindo a primeira proposição, polifonicamente negada.

(17) [SegT19] - "assim... este programa... não objetiva que o candidato armazene conhecimentos especializados dos principais centros de interesse do idioma... mas reúna condições... que provem... sua capacidade de entendimento... e expressão...

No episódio acima, a proposição “este programa reúne condições para prover sua capacidade de entendimento e expressão”, introduzida por *mas*, substitui a proposição polifonicamente subtendida do primeiro enunciado, qual seja: “este programa objetiva que o candidato armazene conhecimentos”. Essa primeira proposição é enunciativamente negada e, desse modo, produzi-se a *retificação*.

Por vezes, as sobreposições dos atos contra-argumentativos provocam um efeito cascata das inferências por meio de concomitâncias. Com efeito, o segundo SegT mínimo, introduzido pelo primeiro *mas*, sinaliza a *função contrastante* (positivo x negativo / negativo x positivo) em relação ao primeiro. Porém, o terceiro SegT mínimo, após o segundo *mas*, anula a inferência do segundo SegT mínimo:

(18) [SegT15] - eu gostaria de falar de um problema que eu toco aqui no meu trabalho com alguma profundidade mas aqui eu vou ter que ser um pouco superficial... mas eu acho fundamental que se fale disso... agora... é o problema dos cursinhos... e do vestibular...

No excerto acima, a pressuposição “se a abordagem é superficial, então é dispensável” é suprimida pela enunciação de que é, sim, “fundamental que se fale”. Note-se que a argumentação gerada inferencialmente e recuperada na enunciação.

Assim como visto em (18), nem sempre se encontra na superfície textual as marcas contrastantes vinculadas pelo conector. Na função pragmática, por exemplo, são os elementos atrelados à cena da enunciação que ajudam a determinar a oposição entre elementos textuais sem a contraposição direta (ALOMBA RIBEIRO, 2005). Não há, pois, uma oposição lógico-semântica entre o enunciado introduzido pelo conector e o SegT mínimo anterior dentro do SegT17. Observe:

(19) [SegT17] - ele me disse que não se tomavam medidas neste nível... então eu desisti de discutir... achei que não valia a pena... comecei a examinar também... no trabalho... os livros adotados nos cursinhos... quer dizer... fora as apostilas... né... que são assim os macetes tradicionais... né? Do vestibular... mas os livros... de vestibular... e os dois livros mais famosos são... o do Gualda Dantas... né? José Gualda Dantas... e do Celso Luft...

A contraposição, em geral, ocorre em *direções argumentativas opostas*. Contudo, é possível que esse processo se quebre em parte. Por conseguinte, é possível haver contraposição na mesma direção argumentativa. Dessa maneira, o segundo enunciado apresenta um aspecto de igual valor semântico ao primeiro (NEVES, 2000):

(20) [SegT18] - com base em textos apropriados e significativos... procura-se medir... não só conteúdos programáticos... mas ainda e sobretudo... capacidade de compreensão... análise... síntese... avaliação dos fatos lingüísticos presentes na comunicação...

Com efeito, os dois enunciados vinculados pelo *mas* apresentam sentidos positivos, além da marcação da função aditiva, no sentido de acréscimo e não de oposição direta. Por outro lado, a contraposição em direção argumentativa oposta introduzida por *mas* pode levar a eliminação da proposição anterior. Trata-se da *marcação de eliminação* (NEVES, 2000):

(21) [SegT20] - quer dizer eu tive que mudar um pouco o tom e mudar... toda a idéia inicial... mas isso não tem importância.

Como se vê, o SegT mínimo “mas isso não tem importância” elimina os dois SegT mínimos anteriores. Nesse contexto, a locutora comenta sobre a mudança de estratégias em sua enunciação e na direção que toma para explicar aos interlocutores o tópico discursivo, bem como acerca do entendimento do aluno sobre as atividades de sintaxe propostas. Assim, essa mudança está sumarizada no SegT mínimo “quer dizer eu tive que mudar um pouco o tom e mudar... toda a ideia inicial”. Essa sumarização é eliminada do ponto de vista argumentativo pelo SegT mínimo introduzido pelo conector contra-argumentativo.

No último episódio analisado, há duas construções concatenadas. Na primeira, vigora o valor prototípico adversativo assinalado pelas pressuposições “há uma palavra que permite próclise e próclise é correto” x “o aluno não usa próclise por não achá-la correta”. Na segunda ocorrência do SegT 22, há uma *anulação de inferência*:

(22) [SegT22] - ele nunca... usou a mesóclise... que realmente... não é de... de uso corrente... e muito menos pensaria... que se ele colocasse "ele" ou "ela se poderia transformar"... isto estaria correto porque há um sujeito antes... há uma palavra que permite a próclise... mas ele acha que a próclise por princípio está errada... porque a ênclise é mais certa... e me comete um erro desse tipo... né? a mesóclise realmente é muito pouco

usada... embora em registros formais... em conferências... em...
requerimentos a gente ainda use... mas pelo menos a próclise correta...

Ao enunciar “mas pelo menos a próclise correta” a locutora anula a inferência “o aluno usa a próclise de forma errada”. Entretanto, essa inferência não está pressuposta anteriormente ao *mas*, isto é, no SegT mínimo anterior, qual seja “embora em registros formais... em conferências... em... requerimentos a gente ainda use”. Em outras palavras, o *mas* recupera uma inferência no contexto da enunciação.

Com efeito, as enunciações nem sempre se vinculam em termos de relações lógicas entre si, contudo relacionam-se por vínculos e suposições presentes na memória de trabalho (SPERBER; WILSON, 2001). Nessa perspectiva, no conjunto de suposições presentes no discurso da EF, infere-se o mau uso da colocação pronominal dos alunos em oposição ao uso dos professores. Dessa forma, no último SegT mínimo - “mas pelo menos a próclise correta” - expressa-se uma contrariedade pragmática com um conteúdo proposicional não expresso na enunciação, porém presente no contexto cognitivo do SegT em geral.

Diante da análise e descrição empreendida nesta seção, é possível sintetizar às funções encontradas no *corpus* e determinadas pela literatura, nos seguintes termos: (i) função adversativa prototípica; (ii) função aditiva; (iii) função de abertura de SegT mínimo; (iv) função de restrição; (v) função de quebra de expectativa; (vi) função retificadora como *masSN*; (vii) função substitutiva como *masPA*; (viii) função de contraste (positivo x negativo e vice-versa); (ix) função de objeção; (x) função de eliminação de inferência e de proposição; (xi) função pragmática. Apontou-se que a direção argumentativa se efetiva positivamente ou na mesma direção.

Conforme visto, a EF pressupõe interlocutores na cena enunciativa e, nesse sentido, a argumentação interna direcionada pelo conector deixa subjacente a intencionalidade de quem enuncia em organizar os movimentos argumentativos e contraargumentativos para facilitar o entendimento e as conclusões pretendidas.

Além disso, tanto para a Semântica Argumentativa, quanto para a Gramática Textual-Interativa importa não traçar uma dicotomia entre oralidade e escrita, uma vez que a análise tópica e as funções semântico-pragmáticas se desvelam num *continuum* tipológico que as determina (BRANDÃO, 2003). Apesar disso e da posição mediadora do *mas*, o *corpus* mostrou interessante idiosincrasia, a saber: a superposição de construções contrastivas em um mesmo SegT. Assim, para além da construção *p mas q*, há a inserção de construção do tipo *p mas q mas r*. Não obstante, em decorrência dos limites deste artigo, esse elemento precisa ser estudado mais detidamente em um *corpus* mais amplo.

Ademais, coaduna-se com Nesello (2009) quanto à importância da análise contextual e discursiva das ocorrências do articulador, notadamente, no texto oral que porta elementos específicos, dentre eles, inserções, repetições, pausas e outros elementos. Portanto, a categoria do tópico discursivo, aliado à perspectiva argumentativa da análise e a noção de segmentação episódica, corrobora para uma descrição funcional e não isolada da presença do conector.

4. À GUIA DE CONCLUSÃO

Este artigo analisou o papel do ato contra-argumentativo como parte da articulação tópica de uma elocução formal. Diante da problemática apresentada por esta pesquisa, a análise das ocorrências demonstrou como os SegT, articulados por *mas*, se realizam em diversos graus de manifestação numa multifuncionalidade textual e interativamente construída. Está claro que considerar apenas o nível sintático da segmentação não é suficiente para marcar as fronteiras, na enunciação, dos vínculos estabelecidos pelo conector em estudo e no que concerne à concatenação dos movimentos contra-argumentativos.

A partir da descrição da EF, a presente análise apontou para a intercorrência de funções textuais e interacionais para o conector *mas* no texto monológico mostrando que os aspectos interacionais sinalizam-se não só prosodicamente, mas também nos sentidos vinculados pelo conector dirigidos à cena da enunciação mediante funções metapragmáticas. Nesse contexto, indicou que o conector vincula lógica, semântica e pragmaticamente SegT mínimos.

Evidenciou-se, diante disso, a produtividade do *mas* no texto oral, notadamente, na articulação de SegT em diferentes níveis, desde a função adversativa prototípica até destacadas estratégias metapragmáticas. Diante disso, os usos desse conector e a contraargumentação se colocam no interior das estratégias do enunciador organizar a argumentação, recuperar informações implícitas, sinalizar elementos do contexto enunciativo e determinar os argumentos postos em proeminência.

Em razão desses fatores, fica patente a presença, na fala, de funções que ocorrem na modalidade escrita e a averiguação mais circunscrita a uma EF mostrou-se eficaz em validar as taxionomias dispostas na literatura. Não obstante, é possível estender os procedimentos aqui adotados a um conjunto de elocuições para uma análise mais quantitativa do fenômeno, posto ainda que existam outras funções não encontradas nos episódios e segmentos aqui descritos.

Sendo assim, este trabalho pode subsidiar a descrição de ocorrências com *mas* em textos orais, uma vez que os estudos da Pragmática e da Semântica Argumentativa recorrem, em geral, aos textos escritos para descreverem as funções do conector em estudo. Além disso, o conjunto de pesquisas referentes à Gramática Textual-Interativa não tem fechado a discussão sobre os aspectos basicamente interacionais ou textuais dos conectores. Finalmente, contribuir para o aprofundamento de pesquisas acerca das funções dos marcadores discursivos na articulação (intra) tópica, porquanto tratam-se de elementos fundamentais da construção do texto falado, do discurso e de nossa ação no mundo via linguagem.

Referências

ALOMBA RIBEIRO, M. D'A. **Los conectores argumentativos en los aprendices hispanohablantes de português**. 2005. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Departamento de Filologia, Universidade de Alcalá, Alcalá de Henares, 2005.

ANSCOMBRE, J, C.; DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Editorial Gredos: Madrid, 1994.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRANDÃO, H. H. N. Coesão e interatividade em texto de elocução formal. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 44, p. 239-250, jan. /jun. 2003.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação** (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2003.

JUBRAN, C. C. A. S. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, Margarida (orgs.). **Gramática do Português Falado**. Volume IV: Estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 48, n. 01, p. 33-41, 2006.

JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado: níveis de análise linguística**. 4 ed., v. 2. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 341-320.

MONTOLÍO, E. **Conectores de la lengua escrita: contraargumentativos, consecutivos, aditivos y organizadores de la información**. Ariel S. A. Barcelona, 2001.

NESELLO, Marcela Cristiane. **O sentido argumentativo do articulador mas no discurso oral**. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PENHAVEL, E. O funcionamento de marcadores discursivos no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos. **Revista Línguas**, Campinas, n. 2728, p. 63-84, jan./dez. 2011.

PINHEIRO, C. O tópico discursivo como categoria analítica textual interativa. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 48, n. 01, p. 43-51, 2006.

PORTOLÉS, J. **Marcadores del discurso**. Barcelona: Ariel S.A., 2001.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. rev. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 21-103.

SELLA, A. F. Funções do *mas* em um texto oral-dialogado. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.11, n.2, p. 311-327, jul. / dez. 2008.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevância**: comunicação e cognição. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2001.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.) **Gramática do Português Falado**. 2. ed. v. 07: Novos estudos. São Paulo: Editora Unicamp, 1999, p. 215-258.

VOGT, C. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

WELP, A.K.S. Uma visão argumentativa do *mas*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 299-325, mar. 2005.